

PRODUÇÃO DO ESPAÇO E FAVELIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, RJ: EXISTE UM LUGAR NO ALTO DA BOA VISTA

Marcelo Monroy Bentes

Mestrando: PPGeo UERJ

Resumo

Este projeto de pesquisa tem como objetivo investigar o processo de produção do espaço, seus conflitos e contradições, as origens e, sobretudo, os motivos que levam à expansão do processo de favelização em andamento no Alto da Boa Vista, no município do Rio de Janeiro. Para tanto, analisaremos a área cortada pela Estrada das Furnas. Considerando a favela como uma das formas resultantes do processo de reprodução do espaço no município do Rio de Janeiro, buscaremos explicar a rápida favelização dessa área, que transformou o espaço com marcante presença de ruralidades em uma área de urbanização precária. Além disso, o trabalho procura analisar em que medida os elementos presentes no cotidiano, na percepção da materialidade produzida e na imaginação do espaço, reforçam o sentimento de pertencimento e de valorização do lugar, e como se dá a participação de seus habitantes no que diz respeito ao direito à cidade.

Palavras-chave: Alto da Boa Vista; Direito à Cidade; Favela

GT – 12: “Produção do espaço urbano numa perspectiva crítica”

As favelas¹ estão presentes em praticamente todos os bairros do município do Rio de Janeiro, dividindo paisagens com formas urbanas características de países desenvolvidos e atributos naturais que lhe conferem a fama de uma das cidades mais belas do nosso planeta. Nesse sentido, para um observador um pouco mais atento, o contraste entre pobreza e riqueza denota a profunda desigualdade em que a população carioca está inserida, fato que proporciona amplas possibilidades de estudo e pesquisas em diversas disciplinas acadêmicas. Como geógrafos, estamos particularmente interessados na materialização espacial dessa desigualdade, suas funções e a estrutura na qual está inserida, dirigindo nosso olhar para a infinidade de possibilidades que o processo de favelização nos oferece como campo de pesquisa. Assim, buscamos uma área que acreditamos concentrar a relatada desigualdade tão marcante no município do Rio de Janeiro, localizada ao longo da Estrada das Furnas, no bairro do Alto da Boa Vista.

A Estrada das Furnas fica encravada no vale formado entre o Maciço da Tijuca e a Serra da Carioca, onde encontramos a bacia do rio Cachoeira que é responsável pela drenagem de diversos afluentes que nascem no alto dessas montanhas até a lagoa da Tijuca, no Itanhangá. Em diversos trechos a estrada passa lado do rio, mudando de margem ao longo do caminho e fazendo a ligação entre Alto da Boa Vista e os bairros do Itanhangá e Barra da Tijuca, sendo a continuação da Avenida Edson Passos, via que faz ligação com a Tijuca.

Considerando a favela como uma das formas resultantes do processo de reprodução do espaço no município do Rio de Janeiro, como podemos explicar o rápido processo de favelização da área localizada ao longo da Estrada das Furnas, no Alto da Boa Vista, que transformou o espaço com marcante presença de ruralidades, até a década de 2000, em uma área de urbanização precária e em processo de favelização atualmente?

Em que medida os elementos presentes no cotidiano, na percepção da materialidade produzida e na imaginação do espaço, reforçam o sentimento de pertencimento e de valorização do lugar, e como se dá a participação de seus habitantes no que diz respeito ao direito à cidade?

Partimos do princípio de que o “espaço estaria essencialmente ligado à reprodução das relações (sociais) de produção” (LEFEBVRE, 2020, P.47), para analisarmos como o processo de

¹ Neste trabalho trataremos como *favelas* as áreas caracterizadas por processos de urbanização precária, priorizando o uso do termo *comunidades* os grupos populacionais que habitam essas áreas.

favelização, pode ilustrar a problemática do urbano como produto das características da sociedade que o produz. Neste sentido, dado que o espaço está associado ao modo de produção social capitalista e que este se reproduz desigualmente, notamos o desenvolvimento de processos de urbanização desigual nas adjacências da Barra da Tijuca, bairro que recebeu significativas intervenções do capital imobiliário nas últimas duas décadas, configurou um setor residencial seletivo e elitista a partir da construção de grandes condomínios fechados e se consolidou como centro de negócios com importante oferta de empregos. De acordo com Lefebvre (LEFEBVRE, 2020, P.145)

“Hoje as classes dominantes se servem do espaço como de um instrumento. Instrumento para vários fins: dispersar a classe operária, reparti-la nos lugares prescritos; organizar os fluxos diversos subordinando-os a regras institucionais; subordinar, por conseguinte, o espaço ao poder; controlar o espaço e reger, tecnocraticamente, a sociedade inteira, conservando as relações de produção capitalistas”.

Nessa perspectiva, a recente intensificação do processo de favelização no Alto da Boa Vista, sobretudo na área localizada ao longo da Estrada das Furnas, está relacionada com este processo de expansão urbana do município do Rio de Janeiro.

Sobre a vida cotidiana dessas comunidades, acreditamos que a proximidade com a natureza e a aparente sensação de segurança, relacionada com a baixa ocorrência de eventos violentos e presença ainda discreta do tráfico de entorpecentes, reforçam o sentimento de pertencimento e de valorização do lugar por parte das comunidades que habitam as favelas do Alto da Boa Vista. Esta relação de identidade com o espaço vivido é potencializada entre os moradores mais antigos, que compartilham o mesmo histórico de vida e desenvolveram laços comunitários ao longo dos anos, contribui como fator de atração para novos moradores e com o aquecimento do mercado imobiliário nessas áreas. No entanto, estas amenidades, presentes no cotidiano das favelas em questão, apenas mascaram as condições precárias de moradia, transporte, lazer, saúde e educação dos seus moradores, mantendo-os alienados do direito à cidade e alimentando uma sensação ilusória de cidadania, fetichização que denominaremos como o mito da tranquilidade².

Acreditamos que o processo de favelização na cidade do Rio de Janeiro não seja uma simples consequência indesejável do processo de acumulação capitalista, mas sim a materialização da desigualdade inerente a este modo de produção. Neste sentido, advogamos que a favela não deve ser tratada como o problema a ser eliminado, visto que não se trata da causa, mas sim de um elemento desta reprodução desigual. Além disso, o processo de favelização gera outros efeitos, algumas vezes

² Durante o trabalho de campo foi frequente a caracterização do lugar como “favela tranquila”, “lugar tranquilo”, “área de tranquilidade e paz”, “vizinhança tranquila” etc. No entanto, entendemos que áreas com passado de escravidão, disputas violentas pelo território e características de segregação, não condizem com tais adjetivações. Este tema será mais explorado no capítulo 3.

negativos, como o aumento da violência e poluição ambiental, quanto positivos, como toda a produção cultural oriunda das comunidades que ocupam estas áreas.

Os processos relacionados com a reprodução do espaço nas favelas sejam a concentração de renda, o favorecimento das elites pelo poder público, as relações de trabalho e disputas de classes, a especulação imobiliária, entre outros, não esgotam a discussão sobre a existência de tais localidades marcadas por uma urbanização precária. Assim, a investigação dos fatores que impulsionam a expansão de favelas em uma área específica, pode servir como base para análise e discussão de políticas públicas gerais que busquem a mitigação dos problemas que afetam a vida dos moradores das favelas em geral e, por conseguinte, do município como um todo.

O Alto da Boa vista exemplifica bem essa problemática urbana, pois apresenta diversas favelas, algumas já consolidadas e outras em pleno processo de expansão, em contraste com residências ocupadas pelas classes mais abastadas e com áreas com predominância de florestas. A gênese da favelização neste bairro está relacionada com a implantação de diversas fábricas e suas vilas operárias, ainda na primeira metade do século XX, com o desenvolvimento de atividades comerciais que não prosperaram e com o abandono e invasão de propriedades rurais na mesma época. Este surto industrial, além de representar um fator atrativo de força de trabalho, foi determinante para o desenvolvimento do comércio local, contribuindo para a redução das características rurais da área, na medida em que as favelas se consolidavam no entorno das fábricas e das mansões e no entremeio da floresta. Após um período de relativa estagnação durante o último quartil do século passado, a aceleração da favelização no bairro é notória, sobretudo na última década.

As favelas do Alto da Boa vista apresentam características que já provocaram debates em outras áreas marcadas por processos de urbanização precária, como a presença de um posto da Polícia Militar, nos moldes das *Unidades de Polícia Pacificadora* (UPPs), a presença de muros cercando algumas favelas, como tentativa de conter suas expansões, o histórico de processos de remoção de moradores, grilagem de terras e projetos de revitalização, que surgem de tempos em tempos prometendo resolver o *problema* favela. Estas características denotam a atuação de políticas públicas que teimam em repetir os erros do passado, sempre favorecendo as classes hegemônicas e relegando aos moradores destas comunidades os mesmos dilemas de outrora. Além disso, o trabalho apresenta relevância ambiental, devido à proximidade destas favelas com o Parque Nacional da Tijuca e com o rio Cachoeira, bem como científico, por se tratar de uma área alvo de poucos trabalhos acadêmicos, sobretudo de cunho Geográfico, mas que reúne características relacionadas com distintas fases do desenvolvimento urbano da cidade.

A favela foi tratada por muito tempo como um problema a ser eliminado e não como uma parte da cidade que está profundamente relacionada com as demais. Acreditamos que outro olhar, uma

análise da cidade a partir da produção social do espaço, seja capaz de indicar novas perspectivas e possibilidades para essas áreas.

Atualmente existem diversos núcleos de favelização no Alto da Boa Vista, acreditamos que estas formas urbanas estejam associadas ao desenvolvimento de processos de urbanização desigual, dado que a produção do espaço está essencialmente ligada à reprodução das relações sociais de produção. Assim, a busca pelo êxito em nossa investigação será guiada de acordo com a perspectiva do método dialético, através das relações do processo de favelização com o desenvolvimento urbano e suas ligações com outros processos, sejam estes sociais, culturais ou econômicos. Assim, partiremos de uma base material, histórica e dialética, utilizando o que Lefebvre (LEFEBVRE, 2001, 2019, 2020) denominou de método regressivo-progressivo, partindo do momento atual de análise das formas existentes, a partir de um olhar crítico, para em seguida buscarmos no passado aquilo que deu origem às condições para a concretização dessa realidade. Por fim a realidade presente é revisitada para a tomada de conclusões.

Neste sentido, nos basearemos nas discussões propostas por Henri Lefebvre, no âmbito do materialismo histórico dialético e em alinhamento com as propostas formuladas por este autor para a elucidação das contradições presentes no espaço urbano. O levantamento bibliográfico também contará como bases o desenvolvimento desigual, apontado como a dimensão espacial o capitalismo (HARVEY, 2005, 2014; SMITH, 1988), a expansão urbana do município do Rio de Janeiro (ABREU, 1987; FERREIRA, 2012; RIBEIRO, 1997), seu processo de favelização (VALLADARES, 1978, 2000; PERLMAN, 1977; VALLA, 1986; SANTOS, 1981; PARISSE, 1969; BURGOS, 2006) e o histórico de ocupação populacional e apropriação das terras localizadas no Alto da Boa Vista (ABREU 1992; LEMOS, 2002; MAYA, 1967).

Além desta etapa de gabinete, pretendemos realizar trabalho de campo para coleta de dados quantitativos, sobretudo nas associações de moradores, e qualitativos, a partir de entrevistas com líderes comunitários, com moradores antigos e recentes, comerciantes e frequentadores do bairro. Para comprovar o avanço do processo de favelização, utilizaremos imagens de satélite, fotografias antigas e dados quantitativos disponíveis no site da prefeitura do município do Rio de Janeiro.

Após uma primeira etapa, em andamento desde meados de 2020, em que procuramos, através de conversas informais, levantar o máximo de informações sobre as favelas e os principais agentes produtores do espaço, buscaremos uma primeira aproximação com as Associações de Moradores para o levantamento de dados quantitativos, identificação de lideranças comunitárias, e moradores que se enquadrem nos perfis procurados.

A busca por dados quantitativos se faz necessária devido ao longo período transcorrido desde o censo 2010, fato que reduz a disponibilidade de dados e reforça a importância das informações levantadas pelas associações de moradores. Neste sentido, esta pesquisa de campo tem como objetivo

reunir dados que nos permitam: mensurar a área das favelas; a quantidade de moradores; a quantidade de residências e seus tamanhos; a quantidade de estabelecimentos comerciais em funcionamento, bem como de escolas, creches, postos de saúde etc.

Como outro objetivo do trabalho de campo, buscaremos dados qualitativos a partir de entrevistas semiestruturadas, de acordo com a problemática proposta, que avaliem a relação do processo de favelização como o acelerado desenvolvimento urbano existente no bairro vizinho, a Barra da Tijuca, seja por meio da oferta de empregos ou da proximidade com essa nova centralidade. Ademais, o exame de tais dados nos trará luz sobre a relação de identidade com o espaço vivido experimentada pelas comunidades que habitam as favelas do Alto da Boa Vista e sua inserção na comunidade do bairro como um todo.

O texto será estruturado em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo abordaremos a evolução urbana do Alto da Boa Vista, buscando, através da análise das principais transformações espaciais ocorridas no bairro, recuperar elementos que justifiquem o processo de favelização e a manutenção de algumas ilhas de ruralidade ainda no século XXI. No segundo capítulo, apresentaremos as favelas: Agrícola, Biquinha, Fazenda, Furnas, Mata Machado e Tijucaçu, além de outros pequenos núcleos de favelização localizados nas proximidades, a partir da relação entre a favelização e a produção social do espaço e relacionando o processo de favelização da área com o desenvolvimento urbano da Barra da Tijuca. No terceiro e último capítulo constarão considerações e reflexões relacionado as observações do trabalho de campo, com a teoria da produção social do espaço.

Pessoalmente, a escolha do tema para a dissertação de Mestrado representa a busca pela compreensão de um processo que sempre me inquietou, e que entendo ser fruto da profunda desigualdade na qual a sociedade brasileira está inserida e reproduz. Como morador do Rio de Janeiro, questiono como podemos naturalizar e nos acostumar com a contundente desigualdade estampada nas paisagens da cidade, evidenciada no contraste entre pobreza e riqueza, e como a sociedade naturaliza as péssimas condições de moradia de parte da população. A proliferação das favelas representa a solução de moradia para a população das classes menos favorecidas economicamente e denota o grave déficit habitacional carioca. No entanto, a presença das favelas também atesta a anuência por parte do poder público, que ao reconhecer sua existência e não buscar sua integração à cidade, também se exime da busca por um planejamento habitacional mais igualitário. Além disso, as classes hegemônicas, formadoras de opiniões e ideologias, normalizam a presença de favelas, e por conseguinte dos favelados, através da reprodução de uma cultura elitista e segregadora, que valoriza a divisão de classes, a manutenção do status quo e da proximidade de mão de obra barata e submissa.

1 – Evolução urbana do Alto da Boa Vista.

A Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, para fins de elaboração de políticas públicas e planejamento, divide o município em 5 Áreas de Planejamento (APs) e 34 Regiões Administrativas (RAs). O Alto da Boa Vista está inserido na AP2 e na RA VIII, denominada de TIJUCA. É um bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, entranhado no Maciço da Tijuca e com acesso por diversas vias que permitem a ligação do bairro com as Zonas Sul (Horto e Cosme Velho), Oeste (Itanhangá e Barra), Centro (Santa Teresa), além da Tijuca, também na Zona Norte. Embora existam diversas formas de acessar o bairro, apenas as ligações com Tijuca e Itanhangá oferecem transporte público regular através de linhas de ônibus, o que configura uma condição de certo isolamento ao lugar, pois todas as demais vias são exclusivas para automóveis.

O objetivo deste capítulo é demonstrar, através da evolução urbana do bairro, que o Alto da Boa Vista mantinha ainda na última década do século XX, diversas ilhas de ruralidade, o que segundo Lefebvre (LEFEBVRE, 2001), são áreas, frequentemente empobrecidas, caracterizadas por apresentarem resquícios de atividades rurais e localizadas no meio urbano. Atualmente estas características ainda existem, mas estão cada vez menos evidentes sendo dificilmente notadas no cotidiano no bairro.

Apesar de ser reconhecido como bairro ocupado pela classe alta e média, fato corroborado pela presença de diversas mansões e condomínios de luxo, até meados nos anos 1990 era relativamente comum encontrarmos moradores que ocupavam parte do seu dia com atividades rurais como a agricultura e a floricultura, sobretudo o cultivo de agrião, camélias e azaleias, além de pequenas criações de animais e a manutenção de hortas e pomares em suas casas e sítios. Concordando com Lefebvre, notamos que estas atividades eram desenvolvidas justamente na área mais empobrecida do bairro, notadamente na face oeste do Maciço da Tijuca, área que abrigou diversas fazendas no século XIX e que apresenta atualmente diversos núcleos de favelização.

Estas favelas abrigam comunidades que originalmente se instalaram, como veremos adiante, em locais onde eram desenvolvidas atividades que demandavam mão de obra, como as fábricas de papel, tecidos e discos que se instalaram no bairro entre as décadas de 1900 e 1950 e nas residências das famílias mais abastadas. Ocorre que, ao longo da segunda metade do século XX, as fábricas fecharam suas portas no Alto da Boa Vista, reduzindo a oferta de emprego e moradia barata na área das furnas, fato que desacelerou o processo de ocupação da área em questão. Segundo um morador que trabalhou na fábrica Lanifícios Boa Vista até o seu fechamento em 1969, as fábricas

migraram para o interior do Estado em busca de incentivos fiscais. O mesmo entrevistado informou que penas na fábrica de tecidos havia 1200 funcionários, a maioria moradores do bairro. Portanto, a dinâmica da fevelização no Alto da Boa Vista repete a mesma lógica de outras áreas da cidade, na qual os trabalhadores são levados a residir nas proximidades das indústrias, embora a condição de isolamento e ausência de vagas de trabalho alternativas tenham colaborado para um ritmo lento de urbanização, mesmo que precária. Assim, na medida em que o bairro foi urbanizado o antagonismo entre riqueza e pobreza sempre esteve presente, resultando na fragmentação do espaço e denotando suas contradições.

Segundo Mauricio de Abreu, em seu clássico trabalho sobre a evolução urbana do Rio de Janeiro (ABREU, 1987):

“Dado que o espaço reflete, a cada momento, as características da organização de uma sociedade, a ordem espacial de uma cidade, ou seja, sua estrutura urbana, refletirá também o resultado do confronto, reajuste ou recomposição dos sistemas que constituem a sociedade”

Neste sentido, analisaremos a estrutura urbana e as contradições do espaço no Alto da Boa Vista, a partir das formas e funções estampadas e desenvolvidas ou longo do tempo, de acordo com as diversas organizações sociais estabelecidas. Para tanto, retornaremos no tempo em busca dos elementos, nas principais transformações sociais, que resultaram nas características atuais do espaço produzido.

Localizado no topo do Maciço da Tijuca, com altitudes que ultrapassam os quinhentos metros em relação ao nível do mar em determinadas localidades e cercado por morros e florestas, ali são registradas frequentemente as temperaturas mínimas do município, fenômeno também influenciado pela cobertura vegetal presente no Parque Nacional da Tijuca³, unidade de conservação que abriga uma das maiores florestas urbanas do mundo, a Floresta da Tijuca. Acreditamos que a presença de um parque florestal, bem como o relativo isolamento provocado pela falta de opções de transporte público, sejam fatores determinantes para o a baixa densidade demográfica percebida no bairro, como podemos constatar analisando os dados da tabela 1.

³ O Parque Nacional da Tijuca é uma unidade de conservação integral fundada em 1961. Ver: <http://www.parquedatijuca.com.br/>

Tabela 1 - Área, População e Domicílios

ANO	ÁREA (Há)	POPULAÇÃO	DOMICÍLIOS
2010	3.150	9.343	2972

Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

<https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=7fe1b0d463e34b3b9ca2fafd50c3df76>

Atualmente o Alto da Boa Vista apresenta características de uma área residencial, onde a presença de casas ainda supera a quantidade de prédios, existindo poucos estabelecimentos comerciais ao longo das vias. Durante as primeiras entrevistas do trabalho de campo, notamos que ao serem questionados sobre os maiores problemas do bairro, muitos moradores reclamaram da falta de comércio e da dificuldade para manter qualquer tipo de negócio devido à falta de clientela. Segundo alguns entrevistados, uma atividade que vem aumentando consideravelmente nos últimos anos é a realização de eventos e a transformação de residências em casas de festas (Figura 5). Este processo de refuncionalização de algumas casas é evidente devido ao grande número de placas que sinalizam tais espaços.

Esta mudança de função indica que muitas famílias, sobretudo as mais abastadas, transferiram suas residências para outras áreas da cidade, buscando de alguma maneira manter algum uso para os imóveis ou relegando as antigas mansões ao abandono e decadência. Este fato pode ser facilmente constatado a partir da observação do estado de conservação de diversos imóveis localizados no bairro, alguns inclusive que já funcionaram como casas de festas, mas fecharam as portas.

Durante as entrevistas com moradores, apontamos diversos relatos que justificam a mudança de endereço de antigos vizinhos, sobretudo a partir da década de 1990, à busca por locais mais seguros em outros bairros do município, como os condomínios de luxo da Barra da Tijuca e Zona Sul. Outros motivos mencionados foram dificuldades econômicas vividas pelas famílias, que comprometeram a manutenção de tais imóveis, questões relacionadas com disputas judiciais entre herdeiros e pessoas que simplesmente migraram em busca de áreas com maior disponibilidade de equipamentos urbanos.

Em suma, verificamos que atualmente o bairro já não é mais habitado majoritariamente por moradores oriundos das classes mais abastadas, pois existem diversos imóveis abandonados ou fechados, propriedades menos luxuosas e alguns núcleos de

favelização, sobretudo ao longo da estrada das Furnas. As ilhas de ruralidade já não são tão evidentes na paisagem, mas foram mantidas até recentemente, seja pela falta de mobilidade e relativo isolamento em relação às áreas mais urbanizadas, pela presença da Floresta da Tijuca, ou ainda pelas diversas atividades rurais desenvolvidas no Alto da Boa Vista ao longo dos anos, como veremos a seguir.

Os recursos naturais disponíveis no alto do Maciço da Tijuca, sobretudo a água e a madeira, foram determinantes para o início de sua ocupação e sua exploração se fez presente em diversos momentos. Ainda no período colonial, o desenvolvimento urbano do município, acompanhado do seu crescimento populacional resultou na busca por água para o abastecimento dos chafarizes públicos e madeira para produção de carvão vegetal⁴.

Segundo Abreu (1992), o abastecimento de água sempre foi um problema durante o período colonial, questão que foi agravada ao longo do tempo com o aumento do crescimento demográfico, sobretudo após a transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro em 1717 e a chegada da família Real em 1808. Desta forma, os mananciais do Maciço da Tijuca passaram a representar alternativas para o abastecimento hídrico da cidade, o que aumentou consideravelmente a captação de água nas encostas da Tijuca. No entanto, essas soluções sempre foram paliativas e não resolveram o problema de abastecimento da cidade. Assim, constatamos que a população do Rio de Janeiro sofre a séculos com problemas relacionado com a qualidade e o abastecimento de água, seja na escassez, seja na abundância.

Aos poucos a floresta passou a ser explorada de outras maneiras, dando lugar também à pequenas plantações de mandioca, milho e toda variedade de frutas e hortaliças que passaram a ser cultivadas, cada vez mais ao alto do maciço, se valendo da abundância de água e terrenos propícios à agricultura (ABREU, 1992).

No entanto, ao final do século XVIII estas culturas foram rapidamente substituídas pela lavoura cafeeira, estabelecida com mão de obra escrava e muito mais atrativa economicamente, que marcou a ocupação definitiva da região a partir da instalação de diversas fazendas dedicadas ao cultivo deste fruto nas encostas da cidade. Estimulados pela fertilidade do solo, pelos lucros oriundos da agricultura e pela possibilidade de isolamento, valorizado em tempos de constantes epidemias, diversos estrangeiros, sobretudo franceses, holandeses e ingleses, além dos nobres que acompanharam D. João VI na sua fuga para o Brasil em 1810, adquiriram terras no Alto do Maciço da Tijuca iniciando as primeiras plantações de café.

⁴ Ver CORRÊA (2017) – o autor relata o processo de extração e apropriação da madeira nas matas dos Maciços da Tijuca e da Pedra Branca.

Dentre estes se destacaram o holandês Charles Alexander Van Moke, proprietário da “Fazenda Nassau”, localizada na Gávea Pequena e o francês Louis Lecesne, pioneiro do cultivo de café tipo Bourbon e proprietário da “Fazenda São Luís”, também na Gávea Pequena. Ambos possuíam experiência com o plantio de café em plantações localizadas nas Antilhas e trouxeram técnicas de cultivo que foram rapidamente disseminadas na cidade (LEMOS, 2002)

Além destes pioneiros, merecem destaque as propriedades localizadas no interior do atual Parque Nacional da Tijuca de propriedade de Nicholas Taunay⁵, pintor integrante da missão artística francesa que fixou residência no “Sítio Cachoeirinha” localizado nas cercanias da cascata que viria a ser batizada com o seu sobrenome, a fazenda “A Floresta”, do também francês Guillaume Midosi e a “Fazenda Boa Vista”, propriedade do Conde Aymar Marie Jacques de Gestas, que teria dado nome ao bairro além de ter sido uma das propriedades mais prósperas e visitada frequentemente por integrantes da família real. Na área das Furnas, havia diversas fazendas menores, entre elas a Fazenda da Cascata Grande⁶ e a Fazenda das Furnas. (BANDEIRA)

Neste trabalho estamos particularmente interessados nas transformações espaciais que estes empreendimentos provocaram, tanto na paisagem natural quanto na mobilidade propiciada pelos caminhos abertos entre estas fazendas, sendas que ao longo do tempo foram transformadas nas principais vias de acesso ao bairro. Atualmente estas construções se reduziram a ruínas ou foram refuncionalizadas, segundo LEMOS (2002, p. 35):

Apesar do tempo transcorrido e a perda da maioria dos testemunhos, a Floresta da Tijuca guarda lembranças de suas fazendas de café. As edificações da capela Mayrink e do Barracão faziam parte da fazenda “Boa Vista”, propriedade do Frances conde Aymar Marie Jacques de Gestas, cujo último dono foi o conselheiro Mayrink. Outro testemunho daquela época é o restaurante “A Floresta”. Seu prédio foi a senzala da fazenda de mesmo nome, do francês Guillaume Midosi. Nos meados do século XIX, os cafezais da Tijuca entraram em decadência. As culturas foram abandonadas e as nascentes d’água, desprotegidas, começaram a secar. A cidade do Rio de Janeiro, que aumentava sua população, sofria com a falta d’água.

Assim, o cultivo do café no Alto da Boa Vista teve origem no vale da Gávea Pequena para em seguida se espriar por toda a região abarcada atualmente pelo Parque Nacional da Tijuca e arredores. Como os morros eram florestados, a dinâmica cafeeira

⁵ Ver (SCHWARCZ, 2008)

⁶ A Cascata Grande é uma queda d’água localizada no Rio Cachoeira, já no Itanagá, e conhecida atualmente como *Cachoeira do Morro do Banco*, devido sua proximidade com essa favela.

consistia em desmatar para construir a sede da fazenda, criar pasto para os animais e iniciar a plantação de café. Desta forma, esta cultura foi responsável pelo desflorestamento de grande parte da mata atlântica nativa e pela ocupação do Alto da Boa Vista pelos seus primeiros moradores, fazendeiros de origem europeia, algumas famílias de agricultores e escravos (BANDEIRA, 1993).

Nesta época, tanto a comercialização do café quanto da madeira extraída da floresta, eram muito lucrativas para os latifundiários que buscavam explorar economicamente a floresta, transformando a mata nativa em algo a ser dominado e apropriado, certamente o conceito de Ecologia era muito diferente ao dos dias atuais! A derrubada da floresta nativa para o plantio da lavoura cafeeira representou a primeira grande transformação na paisagem natural do Alto da Boa Vista imposta pelo homem, o que demonstra como a ação antrópica pode ser nociva ao meio ambiente. No entanto, o reflorestamento da Floresta da Tijuca é prova eloquente da capacidade do homem de reparar os seus erros e gerar condições sustentáveis para as gerações futuras.

Estruturada a partir de técnicas rudimentares e altamente predatórias, a atividade cafeeira no Alto da Boa Vista entrou em declínio ainda em meados do século XIX, deixando como um legado de destruição da mata nativa e que agravou a redução do volume de água nos rios da cidade. Assim iniciou-se o processo de reflorestamento da região, ordenado por Dom Pedro II, visando o equilíbrio climático da cidade e a preservação dos mananciais de água que abasteciam os chafarizes públicos. A grandiosidade e o pioneirismo do reflorestamento são mencionados por LEMOS (2002, p. 47)

A obra do reflorestamento da Floresta da Tijuca teve um trabalho de base quando foram executados os primeiros plantios, de 1862 a 1874, sob a direção do Major Archer e uma segunda etapa, de 1875 a 1888, sob a direção do Barão Gastão d'Escragnolle, que aplicou novas técnicas de plantio e introduziu obras de embelezamento e paisagismo na Floresta. O dr. Thomás Nogueira da Gama trabalhou de 1862 a 1888 nas Paineiras, executando um reflorestamento sistemático.

Foi justamente nesta época que as antigas fazendas de café foram desapropriadas ou compradas pelo Governo, com intermediação do Barão do Bom Retiro que exerceu papel fundamental na negociação entre o governo e fazendeiros (LEMOS 2002, p. 42) o que resultou na proliferação de chácaras, sítios, hotéis e residências de propriedade das classes mais abastadas e com presença marcante de cidadãos de origem europeia, que buscavam no Alto da Boa Vista um clima mais parecido com o de suas cidades de origem, além de

refúgio para os períodos de epidemias tão comuns na cidade já naqueles tempos (MAYA, 1967). Nesta época, a longa viagem para a região serrana ainda era um empecilho ao deslocamento para aquela região, é nesta perspectiva que o lugar cultivou sua fama de área nobre.

Paralelamente ao reflorestamento e ao fracionamento das antigas fazendas foi construída, ainda na década de 1890 a Estrada Velha da Tijuca, atual Avenida. Edson Passos, valorizando as terras e facilitando a ligação da Praça Afonso Vizeu, antigo largo da Boa Vista, com a Tijuca. Esta área foi totalmente reformada durante a administração do prefeito Pereira Passos no início do século XX, trecho que concentrava a maioria das residências além de um tradicional colégio religioso.

No entanto, até a década de 1940 o principal acesso ao Alto da Boa Vista era feito através da linha de bondes que ligavam o bairro à Usina⁷, pois apenas as famílias mais abastadas possuíam automóveis, fato que garantia a condição de isolamento tão valorizada pelas classes mais privilegiadas. Ocorre que nem todas as localidades do bairro eram servidas pelo bonde, que tinha o seu ponto final da esquina das ruas Boa Vista e Ferreira de Almeida, bem próximo da Praça Afonso Vizeu, dali em diante o acesso aos sítios e fazendas era feito por caminhos entre estas propriedades, geralmente abertos e mantidos pelos próprios proprietários (LEMOS, 2002).

Os primeiros estabelecimentos comerciais começaram a abrir as portas ainda nas últimas décadas do século XIX, eram hotéis, escolas, além de um pequeno centro comercial instalado na Rua Boa Vista, continuação da Av. Edson Passos até a Gávea Pequena (MAYA, 1967). Daí em diante ainda se configurava um ambiente completamente rural, se estendendo do início da decida do Alto da Boa Vista em direção ao Itanhangá, área afastada do ponto final do bonde e cortada pelo rio Cachoeira. A dificuldade de acesso resultou na menor valorização desta área, conhecida como Cachoeira, que começou a ser ocupada por famílias com poder aquisitivo inferior em lotes cada vez mais fracionados.

Os moradores mais antigos afirmam que o crescimento populacional da Cachoeira está diretamente relacionado com a instalação de indústrias ao longo do Rio Cachoeira, principalmente as fábricas de papel, tecidos e discos inauguradas na primeira metade do século XX, que proporcionaram oferta de emprego e moradia nas suas vilas operárias ou através de acordos que permitiam a construção de residências nas proximidades das

⁷ O nome Usina foi adotado após a instalação de uma usina elétrica que fornecia energia para os bondes que subiam o Alto da Boa Vista. Antes da instalação de tal Usina, os bondes eram movidos à força animal, que devido à declividade do terreno eram substituídos antes do início da subida. Esta mudança teria batizado a Muda, lugar encravado na base do maciço da Tijuca onde os animais eram substituídos por outros descansados. Ver: (Rose, 2004).

fábricas, sem que os trabalhadores obtivessem a propriedade da terra, estratégias que objetivavam manter os trabalhadores por perto e sob controle. Esta oferta de emprego, aliada com possibilidade de moradia barata atraiu muitos moradores para este lugar, que devido à quantidade de vilas operárias instaladas passou a se chamar Vila Cachoeira.

Mais uma vez podemos verificar como o conceito ecológico mudou ao longo do tempo, pois todas as indústrias instaladas no Alto da Boa Vista buscavam a energia proveniente dos rios que corriam do Alto do Maciço da Tijuca, sobretudo o Rio Cachoeira, todas construíram pequenas represas em seu leito e utilizavam suas águas para depósito de seus rejeitos. Dado o impacto ambiental provocado pelo funcionamento destas fábricas, dificilmente seriam permitidos tais empreendimentos nos dias de hoje.

Segundo relato de ex-funcionários, após a fusão dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, em 1960, diversas indústrias deixaram a cidade em busca de fatores locais mais atrativos, sobretudo incentivos fiscais. Assim, as fábricas instaladas no Alto da Boa Vista fecharam as portas no bairro transferindo suas atividades para cidades da região metropolitana e interior do Estado. Atualmente, existem poucos resquícios das antigas indústrias na paisagem do Alto da Boa Vista, algumas rugosidades, que passam quase despercebidas, mas que deixaram as favelas como testemunho de uma época fabril. Como exemplo de rugosidades temos na Figura 8 a vila antiga operária da fábrica Lanifícios Alto da Boa Vista, que foi revitalizada e refuncionalizada para condomínio residencial.

Segundo relatos de moradores, antes da implantação destas fábricas, ainda na primeira metade do século passado, os poucos moradores da Vila Cachoeira encontravam emprego nas chácaras de agrário e nas residências das famílias mais abastadas, desempenhando serviços de baixa qualificação relacionados com a conservação e limpeza destas propriedades, além de oportunidades na construção civil. Quando as fábricas fecharam suas portas no Alto da Boa Vista, já na segunda metade do século XX muitos trabalhadores se mudaram do bairro e as comunidades restantes entraram em período de estagnação. Dessa forma o espaço produzido, denota essa hierarquização social estampada no contraste entre riqueza e pobreza e na configuração de localidades pobres, hoje favelizadas, em meio a mansões e condomínios de luxo.

Segundo relatos de moradores, as comunidades faveladas do Alto da Boa Vista mantiveram certa harmonia até as últimas décadas do século XX, sendo compostas majoritariamente por Famílias que compartilhavam históricos de vida semelhante e que habitavam os mesmos lugares há 3 ou 4 gerações. Acreditamos que estas características contribuam para a percepção de relativa tranquilidade, inerente aos moradores das favelas do Alto da Boa Vista, pois esta característica é frequentemente mencionada durante

as entrevistas do trabalho de campo. Além disso o relativo isolamento, potencializado pela proximidade com a Floresta da Tijuca, também parece corroborar com esse clima de paz tanto celebrado.

No entanto, notamos que esta dinâmica mudou no século XXI, a partir da entrada em ação de novos agentes produtores do espaço, alterações sociais que analisaremos no próximo capítulo.

2 – O PROCESSO DE FAVELIZAÇÃO NO ALTO DA BOA VISTA

Pretendemos analisar o processo de favelização em andamento no Alto da Boa Vista, a partir da descrição dos ambientes favelados e das diversas organizações sociais que produziram o espaço ao longo do tempo. Partindo do princípio de que o espaço é produto, meio e condição da reprodução social, identificaremos os principais agentes produtores do espaço, suas intencionalidades e os contrastes e contradições desse processo.

Neste sentido, faremos uma breve análise de cada favela em busca da origem do processo de favelização e da atuação dos agentes produtores do espaço ao longo do tempo. Utilizaremos dados quantitativos para demonstrar a aceleração do processo de favelização nos últimos anos e a transformação de áreas que guardavam resquícios de ruralidade, até recentemente, em áreas precariamente urbanizadas. Além disso, buscaremos evidências que comprovem a relação deste crescimento das favelas e do aquecimento do mercado imobiliário ilegal com o desenvolvimento urbano da Barra da Tijuca, para tanto também faremos uma breve análise da ascensão deste bairro como nova centralidade no município do Rio de Janeiro.

Serão contempladas no estudo as seguintes favelas:

- Tijuacu
- Mata Machado
- Biquinha
- Agrícola
- Fazenda
- Furnas

Outros núcleos de favelização menores serão citados apenas a nível de contextualização.

CAPÍTULO 3 - REFLEXÕES GERAIS SOBRE O PROCESSO DE FAVELIZAÇÃO NO ALTO DA BOA VISTA

Partimos da análise da evolução urbana do Alto da Boa vista, a partir da materialidade produzida e observada através do resgate das estruturas sociais produtoras do espaço, suas formas e funções ao longo do tempo histórico. Em seguida analisaremos a favelização em marcha no bairro e a configuração de processos de urbanização desigual, visto o desenvolvimento urbano da Barra da Tijuca que configura uma ilha de riqueza com diversas favelas em expansão nos bairros vizinhos.

Neste capítulo constarão considerações e reflexões relacionado as observações do trabalho de campo, com a teoria da produção social do espaço. De acordo com Lefebvre:

“A alienação urbana envolve e perpetua todas as alienações. Nela, por ela, a segregação generaliza-se: por classe, bairro, profissão, idade, etnia, sexo. Multidão e solidão. Nela o espaço torna-se raro: bem valioso, luxo e privilégio mantidos e conservados por uma prática (o “centro”) e estratégias”.

Neste sentido, acreditamos que a alienação urbana esteja presente tanto na vida dos pobres, segregados nas favelas, quanto na dos ricos, auto segregados nos condomínios de luxo e fechados. Assim, as classes dominantes no modo de produção capitalista, onde tudo é transformado em mercadoria, se apropriam do espaço (LEFEBVRE, 2020) alienando a maioria da população do direito à cidade e valorizando este espaço partido.

Dado que o espaço é socialmente produzido, acreditamos que da mesma maneira que o trabalhador é alienado do produto de seu trabalho (MARX, 2013), o cidadão também é alienado do espaço, o que resulta em uma cidade partida, em um espaço hierarquizado, homogêneo e fracionado.

Dessa forma, pretendemos utilizar a vida cotidiana das comunidades que habitam as favelas do Alto da Boa Vista para tecer reflexões sobre as suas condições precárias de moradia, transporte, lazer, saúde e educação, que configuram a alienação urbana citada acima. Além disso, buscaremos resposta para a percepção interna de paz, tão mencionada pelos moradores dessas comunidades e que nos parece ser um fetiche, um mito da tranquilidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Mauricio de Almeida. ***Evolução urbana do Rio de Janeiro***. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1987.
- ABREU, Mauricio de Almeida. ***Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro***: BC, 1992.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. ***A Reprodução do Espaço Urbano***. São Paulo: Edusp, 1994
- BANDEIRA, Carlos Manes. ***Parque Nacional da Tijuca***. Rio de Janeiro: Maktron, 1993.
- BURGOS, Marcelo Baumann. ***Dos Parques Proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro***. Em: Zaluar, Alba; Alvito, Marcos (Orgs.). Um século de favela. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- CORRÊA. Roberto Lobato. ***Caminhos Paralelos e Entrecruzados***. São Paulo: Ed. UNESP. 321p. 2018.
- FERREIRA, Alvaro. ***A cidade no século XXI: segregação e banalização do espaço***. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.
- FERREIRA, Alvaro. ***Favelas no Rio de Janeiro: nascimento, expansão, remoção e, agora, exclusão através de muros***. *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. XIV, nº 828, 2009.
- HARVEY, David. ***A produção Capitalista do Estado***. São Paulo: Annablume, 2001
- HARVEY, David. ***17 Contradições e o Fim do Capitalismo***. São Paulo: Boitempo, 2016
- LEFEBVRE, Henri. ***O Direito à Cidade***. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. ***A Revolução Urbana***. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política: o direito à cidade II**. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 2020.

LEMOS, Maria de Lourdes. **Estudos arqueológicos do parque nacional da Tijuca**. Rhoneds Perez, Francisco Octávio Bezerra. Ed UFRJ, 2002.

MAGALHÃES, Paulo. **Mata Machado: As lutas sociais dos trabalhadores urbanos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional. UFRJ. Rio de Janeiro. 1979.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política, Livro 1**, São Paulo, Boitempo, 2013.

MASCARENHAS. Gilmar. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro**: Ed. UERJ, 2014.

MAYA, Raimundo Ottoni de Castro. **A Floresta da Tijuca**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1967. 102p.

MELLO, Marco Antônio da Silva. **Favelas Cariocas: ontem e hoje**, Rio de Janeiro, Garamond, 2012.

PARISSE, Luciano. **Favelas do Rio de Janeiro: evolução- sentido**, Rio de Janeiro, CENPHA, 1969.

RIBEIRO, Luiz Cesar Queiroz. **Dos Cortiços aos Condomínios Fechados**, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1997.

ROCHA, Lia de Mattos. **Uma favela "diferente das outras"? Rotina, silenciamento e ação coletiva na favela do Pereirão**, Rio de Janeiro: Quartet & Faperj, 292p.

ROSE, Lili. **Tijuca de rua em rua da Praça: da Bandeira ao Alto da Boa Vista**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2004, 255p

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

SCHWARCZ, Lia Moritz. **O Sol do Brasil. Rio de Janeiro**: Cia das Letras, São Paulo, 2008.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.

VALLA, Victor Vicent. **Educação e Favela**, Rio de Janeiro, Vozes, 1986.

VALLADARES, Lícia do Prado. **Passa-se uma casa**, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**, Rio de Janeiro, FGV, 2005.